

Simbologia Alquímica: Uma Análise de *As Doze Chaves* de Basilio Valentino

Paloma Nascimento dos Santos¹ (FM)

¹Secretaria de Educação do Governo do Estado de Pernambuco (SEE) pns.paloma@hotmail.com

Palavras-Chave: *História da Química, Alquimia, Simbologia.*

Introdução

Historicamente são apresentadas definições para a Alquimia tão obscuras e confusas quanto suas práticas. A Alquimia pode ser considerada uma arte, uma mística, uma precursora da Química e muito do que se conhece e do que se veicula está relacionado ao seu caráter místico e simbólico. Alguns símbolos alquímicos são utilizados atualmente e outros permanecem no imaginário da humanidade, principalmente seus seres alados, serpentes mordendo caudas, leões e dragões. Muito desse simbolismo nada mais era que uma tentativa de alegorizar os procedimentos práticos que conduziam às aspirações dos iniciados, como a Pedra Filosofal ou a preparação da matéria para a Grande Obra. Os alquimistas podem não ter conseguido seu intuito primeiro, mas deixaram um legado simbólico que merece ser estudado mais profundamente. Para isso, este trabalho teve como objetivo analisar *As Doze Chaves* de Basilio Valentino, ilustrações emblemáticas do século XV e a relação destas com procedimentos químicos. Acreditamos que a apresentação em sala de aula dessas ilustrações contribuirá para a discussão sobre a simbologia alquímica e pode ser utilizado em aulas de História da Química / História da Ciência.

Metodologia

Foram analisados os possíveis procedimentos químicos das ilustrações e comentários atribuídos a Basilio Valentino, monge beneditino do século XV, que tem sua existência contestada, pois seu nome pode ser apenas um pseudônimo, já que deriva do grego *basileus* (rei) e do latim *valens* (poderoso). As chaves que dão nome ao livro são doze ilustrações repletas de simbolismo que acrescidas aos comentários de Valentino deixam claro alguns procedimentos químicos com o intuito de produzir a Pedra Filosofal.

Resultados e Discussão

As doze ilustrações são sempre acompanhadas de uma explanação e cada uma delas utiliza figuras alegóricas como o rei, a rainha, lobos, leões e a morte. Na primeira chave observa-se o ouro (representado pelo rei) purificado pelo antimônio (o

lobo) e a prata sendo purificada pelo chumbo. Na segunda ilustração (Figura 1), é mostrado o mercúrio unindo ouro e prata, enfatizando a necessidade da purificação dos metais, representada pela figura nua.



Figura 1. Segunda das doze chaves.

As próximas ilustrações mostram a caminhada do rei e da rainha a fim de completar a Grande Obra. A terceira imagem retrata a preparação do enxofre ardente. A quarta chave é a primeira onde a figura da morte é representada e representa o processo onde a matéria desaparece para então retornar, purificada. As figuras seguintes retratam, em ordem: o ferro representado pelo cupido e a união do rei e da rainha (chave onde é mostrado um aparato semelhante a um destilador acoplado); as quatro sensações circundando a água e significando o aquecimento gradativo do processo; morte e ressurreição da matéria; a fênix e as três serpentes representando mercúrio, enxofre e sal; alegoria do mito de Orpheus e Eurídice; os símbolos do sol, lua e mercúrio circundados pelo símbolo da santidade e por fim, o adepto produzindo a Pedra.

Conclusões

A análise feita demonstra que o entendimento e estudo de alguns símbolos podem servir para a desmistificação dos propósitos alquímicos bem como ser utilizado pelos educadores como ponto de partida e estímulo à pesquisa no ensino de química e história da ciência.

Maar, J. H. *História da Química*. Ed. Papa-Livros, 2ª edição. Florianópolis: Conceito Editorial, 2008.

Powell, N. *Alchemy, the Ancient Science*. The Danbury Press, 1976.

Martin, S. *Alchemy and Alchemists*. Pocket Essentials, 2006.